

PREMISSAS LENDARIAS

SYNTHESE DA POESIA POPULAR RIO-
GRANDENSE CONSIDERADA COMO
FACTOR HISTORICO



POR JOSÉ PAULO RIBEIRO

Advertencia necessaria

Devo dar a razão porque denominei de „trovista“ o versejador rio-grandense em vez de „trovador“.

Não me era licito deslocar essa entidade poetico-historica, da verdadeira época da sua formação, nem do meio donde emergio no estado incipiente, para collocal-a em uma outra época, como a dos trovadores, peculiar a um genero de poesia propria de vates que dispunham de vasta illustração, de muito lyrismo.

Esta preferencia escuda-se em uma outra razão que reputo de toda plausivel, attendendo a procedencia e a applicação do vocabulo — trovador — segundo a qual não pôde se adaptar ao primitivo versejador dos pampas rio-grandenses.

A lexicologia do termo — trovador — é a que melhor se ajusta á desinencia da accepção — trova.

Os trovadores fôram poetas de muito cultismo intellectual: cultivavam com esmero a poesia do seculo XI ao XIV, cujas producções eram escriptas em varios dialectos da lingua *Or*, então falada, na idade media, entre povos francezes disseminados pelas regiões Sul do *Loire*. Eram, pois, os trovadores desses seculos, artistas, elegantes compositores; suas producções poeticas tinham o caracter do verdadeiro lyrismo romantico, apaixonado, proprio da escola dominante.

Os primitivos versejadores rio-grandenses não alardeavam nem primavam pela cultura: pertenciam, é certo, a uma escola imaginativamente poetica, mas natural, fluctuante, sem organização, sem preceptores, sem direcção, sendo seus representantes analphabetos, sem o mais rudimentar toque de instrucção, e consistindo na producção das trovas, simplesmente inspiradas.

Essas composições não eram escriptas; logo, não ha criterio vernaculo que possa justificar a denominação de — trovador — ao versejador rio-grandense.

A terminação — ista — ensina Carlos Góes. „é suffixo vernaculo, com interferencia grega, designativo de genero, escola, purista, symbolista, ou versado em latim, latinista, hellenista, em grego“.

Aulete considera o suffixo *-ista* „correlativo ao suffixo *-ismo*; designa o auctor ou sectario de um systema, o que professa uma arte ou officio, o que imita ou segue um principio, uma escola: calvinista, dentista, pianista“.

Ora, sendo assim, e não havendo difficuldade em concluir que *-trova + ista* pela contracção do ultimo *-a* de *trova* faz *-trov + ista = trovista*, é concludente que a denominação *trovador* é inapplicavel, etymologicamente, ao *versejador primitivo rio-grandense*.

Candido de Figueiredo não deixa duvida nesse sentido; considera o vocabulo *trovador* proprio a duas escolas poeticas que floresceram simultaneamente.

„Trovador Diz-se, especialmente, dos poetas da lingua Oc, que floresceram desde o seculo XI ao XIV e cultivaram a poesia lyrica. Diz-se dos poetas lyricos portuguezes, que, naquelles tempos imitavam a poesia provençal“.

Os *versejadores rio-grandenses*, de modo algum poderão ser equiparados aos poetas que uzaram da lingua Oc, nem aos lyricos portuguezes imitadores do verso provençal, naquelles seculos; e o vocabulo *trovador* estrieta-se a essas duas escolas compostas de vates que conheciam vernaculamente, a nomenclatura e a lexica dominantes.

A impossibilidade do vocabulo *- trovador* ter applicação aos *versejadores* da escola incipiente dos cantores *rio-grandenses*, é manifesta.

A poesia *rio-grandense*, é bem possivel que começasse no ultimo quartel do seculo XVIII, quando os lineamentos geographicos da area do Rio Grande, como componentes do territorio nacional, já tinham o caracter de um grande dominio.

Deste modo, como se poderá applicar ao *versejador rio-grandense*, dos tempos primitivos, a mesma denominação etymologica que seculos antes, no antigo Continente, em determinados departamentos litterarios, só éra, exclusivamente applicada aos filiados a duas escolas, especialissimas, que primaram pelo selectismo de seus vates?

Nem assimilação do vocabulo, attenta sua origem, se poderia operar na technologia do termo; nem a generalisação do mesmo vocabulo, com sua applicação aos vates camponezes *rio-grandenses*.

A desinencia *-ista* é a verdadeira, a consentanea, a congruente que se pôz ao termo *trova*, dando, normalmente ao *versejador rio-grandense*, a denominação *trovista*.

Premissas lendarias

I.

*A poesia não consiste nos versos
bem medidos, mas na verdade do
sentimento humano, tão complexo
nas suas manifestações individuais
e sociais.*

THEOPHILO BRAGA

As tradições populares atraíram sempre espiritos perscrutadores; têm ellas alguma cousa que illustra, que amenisa; alguma cousa que excita a curiosidade de quem procura interpretar-as na propria singeleza que lhes é apuragio. As crenças e os costumes seguidos pelas gerações que desapareceram na vastidão do tempo, constituem a synthese de uma civilização problematisada na historia, envolta na melancolica esthetica de tudo que procede do passado pelo influxo da poesia e das tradições, affectando o sentimento plastico das perspectivas que se desdobram na lembrança, esboçadas na tela da imaginação.

O decurso desta existencia se faz por successões continuas, entre as mutações que o progresso deixa na vida das sociedades organisadas, de modo que os factos e as cousas de hontem, não se extinguem; são épocas mais tarde traduzidas pela narrativa das glorias, dos infortunios, dos sacrificios a que chegaram as gerações amolecidas. São traços que não mais se apagam, e se conservam, e perduram, a despeito dos annos, vinculados na lenda, e na poesia tão expressiva pela sua naturalidade, como é a poesia popular rio-grandense.

O que ha de verdadeiro na lenda e na poesia do povo, são crystallisações que se definem á medida que o tempo avança.

O estudo paciente e accurado dessas cousas que valem muito para poucos, demonstra a existencia residual das crenças reveladoras: da psychologia de uma parte da população mais ingenua, mais livre de preconceitos, menos egoista, mais resistente e cavalheiresca, que viveu do proprio retemperamento

do que havia de honesto e coerente no *modus vivendi* dos antepassados.

E quem não tem a intuição das cousas inferentes às épocas em quem viveram e influíram os nossos avós?

Podê-se, por ventura, invental-as?

Tem-se o direito de menosprezal-as?

Não.

O povo, na simplicidade inherente á sua sociologia, sabe contar, com precisão, a historia dos seus avoengos; e o faz intuitado pelo sentimento que a tradição conserva, que a lenda personifica, que a poesia eternisa na estrophe, lembrando a inspiração e o repentismo dos trovistas do campo, mais felizes na naturalidade e nos dotes de espirito, o que muitas vezes falha na poesia classica.

Quem estuda e interpreta as tradições e as lendas do povo, e sabe contal-as com lealdade, é como o pintor que, dotado de sentimento artistico, reproduz na tábua com a maxima concisão, a perspectiva de uma scena da natureza que tempos antes viu, admirou e emocionou-o vivamente, tanto que não perdeu a idéa da imagem que contemplára em sua exterioridade.

A demonstração deste enunciado está na circumstancia de não existir escripta a historia das lendas e das tradições populares, e entretanto, todas existem, fluctuando na propria primitividade, atravez da visão nitida do passado.

A lenda teve influencia directa na formação da historia das civilizações passadas.

Quanto mais recuada fôr a época de um successo, de um heróe, de um acontecimento, de uma calamidade, tanto mais a sua historia apparece envolta na poesia do povo, sempre symbolica, sempre apothetica.

A poesia do povo é a que não tem livro, e dura, quem sabe, se mais que o livro, porque persiste na continuidade da vida pela lembrança, que não se apaga, pela sua applicação sempre com actualidade ás modalidades do amor ou do heroismo, do infortunio ou da satyra.

O que não passa despercebida é a cadencia, perfeitamente diapasonada que se nota, quasi, em geral, no verso popular, na poesia do povo que não conhece arte, nem metrica.

Quanta naturalidade e ensinamento, quanta actualidade contêm as lendas dos nossos indigenas, coordenadas e traduzidas por illustres e pacientes exploradores, cabendo a Couto de Magalhães a preeminencia, em nosso paiz, em ter sido um dos mais illustres interpretes da civilização e das lendas das nossas selvas.

Nessas lendas - verdadeiras fluctuações languenciando o cerebro do selvagem, ha o encanto da poesia da natureza.

da poesia das selvas, com allegorismo proprio, e conceitos coordenados pela fórma.

A lenda — *Mae Pituna Oinquan ãna* — (como a noite appareceu), é de uma belleza tão suave, de uma poesia tão natural, que não se pôde fugir á attracção dos conceitos que ella exerce no espirito de quem a lêr, de quem souber sondar o profundo das cousas que parecem certo mysterio.

Essa lenda começa, segundo a traducção que lhe deu Couto de Magalhães:

„No principio não havia noite — dia sómente havia
„em todo o tempo. A noite estava adormecida no fundo
„das aguas. Não havia animaes; todas as cousas
„fallavam“.

Por ser um tanto extensa, limito-me transcrever esse primeiro trecho, o qual demonstra que a concepção poetica e artistica do indigena, se harmonisa com o conceito da *Genesis* da Creação.

Lembrando o nosso emerito explorador, quero dizer, que a poesia e as lendas populares, attrahiram, como já fiz vêr, espiritos cultos, de reconhecido valor na litteratura historica da patria.

A poesia e a lenda foi a synthese da bella conferencia do preclaro doutor João Monteiro, no terceiro centenario do missionario José de Anchieta. Ahi, disse o douto conferencionista, que a poesia e a lenda, é „a suprema liberdade do engenho na criação phantasiosa do ideal e a soberana discripção da chimera na geração mythologica da historia.“

Eis ahi. — A historia, com effeito, tem o seu mythologismo inseparavel, necessario á circumspecção com que remonta ao passado, atravez de centenas de milhares de annos, para colher ahi a exacta exposição dos factos accumulados, mesmo desconhecidos em parte, e como adormecidos sob o concurso do longuissimo tempo, e trazel-os á evidencia do presente.

Todos os povos têm a sua poesia lendaria: nella encontram-se as reminiscencias dos heróes mortos, de suas glorias passadas, bem como dos martyres de grandes sacrificios, representantes de um periodo historico, cujos phenomenos são evocados por visões que surgem, concitando, como é natural, o estudo dos factos de maior relevancia.

Diz o auctor dos *Cantos Populares do Brasil*, que um olhar lançado sobre a historia não escripta das tradições fluctuantes e indecisas de nossas origens e ulterior desenvolvimento, irá descobrir, não sem difficuldades, os primeiros lineamentos de nossas lendas e tradições populares.

Essas mesmas lendas e canções, não individualisam nem symbolisam civilizações posteriores; são elementos colhidos em meticuloso e demorado exame do acervo que vem do passado, e demonstram a existencia do estado primitivo em que jaziam os povos, antes de sua verdadeira cultura religiosa e social.

Quem pretender adaptar á fórma da nomenclatura do *modernismo* assoberbante, essas mesmas lendas e canções, defrontará logo a impossibilidade pratica que surge a quem se propoz demolir um edificio, e não o ponde reconstruir depois, por lhe faltar orientação architectica.

Como se vê, a „historia não escripta“ das lendas e da poesia do povo, não se altera, não se destrõe; vive no sentimento e na memoria; por isso, as tradições populares „não se demarcam“, disse Sylvio Romero. „pelo calendario das folhinhas; a historia não sabe do seu dia natalicio, sabe apenas das épocas de seu desenvolvimento“.

Exactissimo. Já o disse, mais ou menos. Aquí está a verdadeira synthese deste despretencioso trabalho.

Effectivamente o emerito escriptor e consumado critico, referindo-se á origem dos cantares populares, a começar dos tempos coloniaes, entre portuguezes, indios e negros, teve a visão clara desse periodo inicial da nossa organização e formação sociaes, chegando á esta conclusão:

„Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades; o portuguez de seus lares, de alem mar, o indio de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais havia de vêr“.

Tal é a origem das nossas lendas e poesia populares: nasceram de um sentimento nostalgico, profundamente sensibilisante que invadio o espirito daquelles que, longe do canto onde nasceram, tinham a visão de não mais voltar a seus lares, ás suas selvas, ás suas palhoças.

A ausencia do torrão natal, para onde se tem certeza de não mais volver, engendra esses poemas melancolicos que muitas das nossas lendas e canções populares, traduzem com elevação de sentimento e de imaginação.

II.

Daniel Granada, no seu interessante livro *Supersticiones del Rio de la Plata* — pensa, e com muito acerto, que: „Nada hay inutil el historiador y el filosofo, quanto el vulgo conserva tradicionalmente en hábitos e creencias“. Este sentir do escriptor platino, é mais um conceito a justificar a synthese deste incompleto trabalho.

As cousas tradicionaes do vulgo, não deixam de têr algum aproveitamento, não deixam de têr seu interesse no descortino

das idéas personificativas de um periodo de formação, transformado, posteriormente, como é natural, pelo gráu de desenvolvimento e de cultura que recebera.

Lembrando o gaúcho rio-grandense de ha cem annos atraz, no de hoje pôde-se apreciar a radical modificação a que chegou esse typo dominador das nossas coxilhas e varzeas, archaizado, embora, mas existente na subjectividade dessas épocas de transição.

Estudando, não o de hoje, porem, o gaúcho daquelles tempos de formação, com menospreso da tradição e da poesia lendaria que o envolve, não se terá como compulsar documentos, nem perquirir monumentos que atestem esse estado da nossa geração primitiva.

O criterio analytico actuará no que o „vulgo conserva tradicionalmente“, encontrando na poesia do campo e sua lenda, o material adequado á restauração synthetica da entidade do filho primitivo das coxilhas rio-grandenses.

A individualidade do gaúcho de épocas transcorridas, não é um mytho: teve contemporaneos, co-existiu, portanto, cujos „habitos e crenças“ deixaram traços bem accentuados, os quaes ainda não se apagaram de todo: sua influencia assignalou nos fastos da nossa historia, o valor de uma época maxima na vida historica rio-grandense.

A poesia popular é o canto original da inspiração e do repentimismo de homens simples, — simples, nos costumes, na palavra, no trato, no convívio.

Não sabiam o que eram *gallicismos*, nem *barbarismos*, nem *neologismos*, muito menos regras de collocação de pronomes.

E nisso eram felizes.

Falavam, contavam o que viam, o que ouviam; explicavam o que entendiam, manuseando a palavra na sua expressiva naturalidade, com certo onomatopaismo, e um certo criterio.

A inspiração bróta espontaneamente, afflúe no espirito do observador camponez, dando-lhe sentimento, percepção e harmonia de palavras combinadas, descortinando a imagem suggerida pelo pensamento, e antes visionada na subjectividade poetica.

Na poesia popular rio-grandense, ha muita propriedade e inspiração; ha um fundo de moral, de philosophia, admiravelmente resumido no sentido estricto da estrophe, sem que o proprio trovista o comprehenda.

O preceito metrico que se nota em muitas das *quadras populares* rio-grandenses, é inductivo, o que se explica pela aptidão auditiva que o trovista camponez dispunha, combi-

nao-a com o sentimento do bello, o qual póde existir tambem no homem que não dispõe de cultura mental, nem de instrucção.

Os cuidados e preocupações de uma mãe acerca do destino reservado ao filho amado, assumpto do dominio da philosophia do amor, e da psychologia da ternura maternal, fôram modulados, com admiravel rythmo, por um dos nossos trovistas de outrora, na seguinte *quadra*:

*Toda mãe que tem um filho,
Razão tem para chorar,
Que não sabe inda da sina
Que Deus tem para lhe dar.*

Eram assim as mães do tempo de nossos avós; sabiam verter lagrimas copiosas, na impossibilidade de prever a *sina* reservada ao filho, o sonho azul de suas esperanças. E não é exacto, que as lagrimas de uma mãe, profundamente emocionada por causa tão santa, consubstanciam a razão de ordem moral e affectiva de que fala o inspirado trovista?

Nota-se ainda nessa *quadra*, perfeitamente esboçado, o quadro do amor de uma terna mãe apprehensiva, em todo seu delineamento psychologico, com arte, symetria, metrico, e coordenação constructiva.

Phenomeno de sensibilidade consciente irradiou no cerebro do auctor da *quadra*, emocionado por um facto de vizo observado, ou por uma impressão subjectiva.

O movimento da inspiração indenticou-se com o sentimento do amor materno, no desdobramento da propria emoção, dando como resultado immediato, a construcção do verso natural, integro, expressivo.

A seguinte *quadra* é interessante, não só pela fórma, como pela originalidade do conceito:

*O fogo quando se apaga
Na cinza deixa o calor;
Um amor quando se acaba,
No coração deixa a dôr.*

O auctor sabia, pela observação, um dos effeitos physicos da combustão da madeira: linha, portanto, um criterio, e por este construiu a imagem: formulada na *quadra*, comparativa do calor da cinza com a impressão que o amor findo deixa no coração — a dôr.

A cinza, com effeito, quando não actúam causas contrarias, conserva por algum tempo, certa elevação de temperatura. Soube então o trovista rio-grandense, e com muita propriedade, comparar um tal phenomeno physico-chimico, ao que o amor deixou no coração de quem amou.

Os cantores populares não tinham livros, eram, em geral analphabetos: não liam classicos, não tinham mestres.

Nas cousas do amor elles encontravam muita idéa, e sabiam raciocinar, criticar, comparar com certa *verve*, com admiravel presteza; eram mesmo ternos, cadenciosos quando cantavam *quadras* que improvisavam, formando e combinando *segundas*, cuja phonação enternecia, sensibilisava, não só sentimentalmente como auditivamente.

O poeta do povo tomava o nome de pessoa ou de cousa, ou factos occorridos, para a construcção do thema sobre o qual tinha de versificar, e sujeital-o á regra do improviso.

O que era relativo ao amor, sabia elle ser logico, concludente por instincto, como se nota na seguinte quadra, onde deixa prevêr as difficuldades que por vezes surgem no curso de uma paixão amorosa:

*Noite escura tenebrosa
 Não temas de me falar;
 Quem ama não teme a morte,
 Quem teme não póde amar.*

O venerando sacerdote José Valle de S. Fernando, espirito lúcido e liberal, alma boa, sem hypocrisia, quando por vezes conversavamos sobre os costumes e tradições do povo, dizia, que esta *quadra* sabia dizer muito; e aprazia-se em recital-a, depois commental-a, lembrando que, quem temesse a „Noite escura tenebrosa“, soffreria embaraços nos deveres amorosos, porque nessas noites ver-se-ia privado de vêr a namorada, e filar-lhe o café.

E' um conceito este que tem seu valor critico, humoristico, interpretativo.

Effectivamente — a poesia cãmponca, em geral, tomou a fórma apologal, porque o trovista a improvisava em momentos de repentismo, de natural inspiração, e de agudeza, ou docilidade de espirito analytico, comparativo.

Um tal genero de litteratura espontanea, denuncia a co-existencia de uma população na sua maioria, estranha á instrucção. Poucos sabiam lêr e escrever, ainda assim, rudimentarmente, e quasi sempre aprendido no proprio lar.

Antigamente eram rarissimas as escolas publicas. — causa principal do analphabetismo que então reinava.

A familia que contava em seu gremio um que soubesse lêr e escrever alguma cousa, fazia-o de professor domestico.

Em geral o trovista rio-grandense, era analphabeto, mas no repentismo, no improviso, sabia ser espontaneo; sabia coordenar idéas, conceituar, raciocinar em perfeita harmonia com a razão de pensar e de dizer.

As seguintes quadras são expressivas não só pela idéa predominante, como pela deducção do conceito comparativo:

*O anú é passaro preto,
Passarinho do verão,
Quando canta á meia noite,
Oh! que dôr no coração.*

*É se tu, anú, soubesse
Quanto custa um bem querer,
Oh! passaro, não cantarias
A's horas de amanhecer.*

O que é notavel nestas duas quadras, é a cohesão do sentimento e da inspiração com a causa provocadora do conceito dominante. Na primeira, o canto do *anú*, ouvido á meia noite, por quem sabe amar, produz essa dôr íntima — a saudade — de alguém que vive na lembrança, imagem rediviva de amores passados: na segunda, o mesmo canto do *anú*, de envolto com o crepusculo que antecede ao romper da aurora, causa alguma cousa, mas que não é dôr, porem anejo lerno, íntimo, sincero, de quem quer bem e não pôde estar junto do sêr querido, que o canto matinal do *anú* faz recordar entre lagrimas e suspiros.

O trovista rio-grandense dos tempos transcorridos, era dotado do caracter typico de uma organização definida pelo clima, e pela posição astronomica desta parte do continente americano.

Effectivamente — os nossos trovistas primitivos, afeitos á vida rustica, simples, atidos tambem á contemplação de extensos varzados e desdobramento de coxilhas, comprehendiam alguma cousa dessa natureza que os envolvia, e della recebiam, peio instincto, noções rudimentares de idéas representadas por palavras bem coordenadas, que traduziam as imagens do pensamento, com certa fidelidade e rythmo, como se infere das proprias *quadras populares*.

Esse genero litterario de ha muito se tornou obsoleto: não logrou ser diffundido entre os cultores da poesia que o succederam na evolução e progresso das letras, mas não deixou de ter seu valor comparativo, quer como manifestação poeica de uma época, quer como elemento historico.

A antiguidade e o anonymato das *quadras populares* rio-grandenses, nem por isso desmereceram o que havia de naturalidade nessas composições; entre ellas, ha muitas que satisfazem as exigencias da metrica, e tambem da grammatica, embora seus auctores não as conhecessem em absoluto.

Não deixam de sêr produções poeticas, deante da normalidade que revelam quanto a cadencia e concisão de seus elementos componentes.

Procedem de épocas primitivas, e da primitividade de seus auctores, cujo intellecto, si bem que incipiente, tinha comtudo o poder de se exteriorisar com a idéa regente do conceito emitido.

Mas a vida da poesia lexica, é a arte, exclusivamente a arte.

Eis toda a difficuldade. Pouco importa a falha de sentimento, de harmonia, de expressão, contanto que o verso contenha a quantidade de syllabas que a metrica exige — eis tudo.

O trovista rio-grandense, sem conhecer metrica, sem saber o que era syllaba e sua quantidade normal na composição da trova, utilisava-se, entretanto, da audição, com a qual compassava suas trovas, cujo rythmo agradava.

Como exemplo cito a seguinte *quadra* que se encontra á pagina 141 do *Anuario do Estado do Rio Grande do Sul*, volume de 1892, e que é possível anteceder o periodo de 1835 a 1845.

*Cachorrinho está latindo
Lá no fundo do pomar;
Cala a bocca, cachorrinho,
Deira o meu amor chegar.*

O rythmo é normal: o conceito metrico, espontaneo; não contrariou as regras da severa medida e da cadencia. É um verso natural, completo, verdadeiro, expressivo por si mesmo.

Estas manifestações poeticas dos trovistas rio-grandenses, denunciam periodos que se accentuam no evolver do tempo.

O periodo anterior a 35, deve ter sido longo, muito longo: imperava nas trovas populares, o sentimentalismo, as paixões amorosas, pessoaes, as crencas religiosas, alguma superstição: por outro lado, a critica ou censura, a satyra, o humorismo, a descripção de factos sociaes ou naturaes, a belleza feminina, etc. No periodo de 35 a 45, as *quadras populares* tomaram o caracter imperativo, mordaz, épico, laudatorio, cujo typo critico-poetico, é sem duvida, a popularissima *quadra* onde o auctor attingio com o dardo agudo da critica, a uma das figuras mais sympathicas do movimento de 35:

*Sinhô Netto vai simbora
Não se metta a capadocio,
Va cuidá nos parilhero,
Que fará methor negocio.*

É claro que o auctor anonymo desta *quadra*, era *legalista*; a orthographia não se alterou, não se modificou; assim encontrei-a á pagina 183 do volume de 1893, do *Anuario do Estado do Rio Grande do Sul*, com a mesma graphia, em musica composta, expressamente, para ser cantada como hymno.

É uma composição, por si simples, primitiva, cheia de inspiração, de naturalidade, revelando a perspicacia do espirito do critico trovista, quando procurava estigmatizar o adversario pela ironia e outras manifestações do seu genio satyrico.

É o trovista do *Sinhô Netto* concepcionou a idéa critica, externou-a metricamente, syllabaricamente, construindo, em fim, uma *quadra* composta de quatro versetes, cada um contendo *paroxytonos*, ou versos graves.

Ha ahí, preceitos de arte que o trovista sem os conhecer, observou.

Como explicar este e outros predicados possuidos pelo trovista rio-grandense?

Seguiu-se o periodo em que a poesia popular rio-grandense perdeu o radical caracter de suas épocas de formação, com o advento das escolas classicas, que effluiram, poderosamente, e concorreram para a sustação das trovas regionaes, lendarias, cujos elementos comprobatorios de seus periodos, ficaram, entretanto, accentuados nas series das *quadras populares*.

Não deixou por isso de ser uma escola poetica, incipiente, *sui-generis*.

É que as *quadras populares*, s^t lhes falta alguma coisa de metrica, têm o merito que lhes dá o „verdadeiro sentimento humano“ com que são expressadas. São por isso composições que cahem nas regras da arte de metrificação, onde são analysadas como manifestações de uma litteratura ingenita.

O que não se pôde negar-lhes, é valor artistico, imaginação, cadencia, porque têm sentimento, são expressivas, são rythmadas.

Abstrahindo-as de quaesquer hiatos ou senões metricos que se encontram em algumas dellas; e, considerando que o verdadeiro valor do verso está no sentimento que o inspirou, e não no rigorismo da medida syllabica, é impossivel tirar ás *quadras populares* rio-grandenses, o merito que as mesmas contêm, quanto ao sentimento e a naturalidade com que fôram improvisadas.

III.

*Infelizes os povos e os individuos
que renegam as suas tradições,
quaesquer que lhes sejam ellas.*

DR. MAXIMILIANO MAGIEL.

Quando, subjectivamente, penetramos no dominio do passado, defendo-nos deante de tudo que recorda a primitividade dos nossos avós, um sentimento de melancolica contemplação nos invade o espirito, dando-nos a intuição de um outro sentimento affectivo: o do respeito ás tradições.

A grandeza cavalheiresca dos iniciadores, e portadores da nossa civilização, cuja lembrança fluctúa atravez da poesia popular, e das lendas que ainda co-existem na memoria de raros e longinquos descendentes dessas gerações, expressa-se, caracteristicamente, na tradição, por uma lei de persistencia.

Em todo esse testemunho percebem-se os residuos de uma civilização que cedeu, como éra natural, á lei do progresso, de onde surgiram tambem os factores incipientes de uma litteratura ingenita, e os rudimentos de uma historia em que os factos e as épocas se collimam.

Esses factores e esses rudimentos, podem ser ainda percebidos, pela analyse da prosódia, da indole e dos costumes que perduram em uma parte da nossa população, que se conserva como immunizada da influencia do meio movimentado.

Mas as cousas referentes ao passado do Rio Grande do Sul, vão se perdendo pela indifferença, na confusão do tempo; vão se apagando da memoria dos contemporaneos. — victimas — voluntarias do *exotismo*; vão desapparecendo, e desapparecerão por fim, com as especies vegetaes e animaes que tambem desappareceram, e cujos restos fossilizados, encontrados nos accúmulos subterraneos, a *Paleontologia* os estuda, reconstruindo algumas de suas fórmulas esquelelicas.

Nos rudimentos de litteratura e de historia rio-grandenses, encontram-se incrustações positivas na tradição, na prosódia ainda em voga em algumas localidades, na propria poesia popular, e em outros elementos esparsos, sobre os quaes actuaram causas directas e indirectas. Cohesando-se essas causas pelo movimento civilizador, este, por sua vez, lentamente, adaptára-se e tirou ao typo ethnico a primitividade propria

à natureza livre, dando-lhe traços mais brandos, mais expressivos.

Pela posição geographica e topographica do Rio Grande, sua população primitiva teve de supportar a acção de influencias climatericas que muito contribuíram para a formação do seu caracter.

Essas mesmas influencias repercutiram no meio incipiente ainda, da nossa regional população, seleccionando-a de tudo que jámais se combinou com o que lhe era peculiar pela lingua, pela tradição, pela religião.

Da índole própria á nossa primitiva geração, resultou tornar-se ella resistente não só ás inclemencias do tempo, ás fadigas, ás luctas iniciaes, como tambem á primitividade de habitação, de alimentação, etc. — Dessas alternativas surgiram predisposições á uma organização, cuja ethica coincidio com a phase tradicional.

Quem se aventurará a negal-a, ou apagar, por desamor, os caracteristicos que lhe são attributos essenciaes?

Interrogação, apenas.

A época inicial da litteratura rio-grandense, realça e accentúa-se na sua propria poesia popular, nas suas cantigas camponesas, cheias de melancolica cadencia, expressivas, allusivas e sempre de actualidade.

E' certo que a historia de um povo co-existe mediante leis ou condições que se combinam com as differentes situações que representam no decurso do tempo, as mutações que se vão operando com o movimento directo da evolução.

A poesia como arte, e como arte espontanea, tem sua historia e sua phraseologia; exerce poderosa influencia no espirito e no sentir de épocas adequadas, cujos vestigios assignalam as mudanças formaes que se operam, em razão dessa mesma influencia.

Se remontarmos á época do *Parthenon Litterario*, — a renascença da poesia rio-grandense; se investigarmos os seus annaes, hoje rarissimos; se invocarmos a tradição da inesquecível instituição, veremos que os seus poetas, os seus prosadores, avultavam pelo sentimentalismo, essencialmente regional, concordes pela singeleza estylistica, pela naturalidade da fôrma, e das scenas traçadas conforme as regras da metrica, que não sacrificava a espontaneidade, nem a cadencia do verso. Eram elles artistas pelo sentimento, pelo êstro; estudavam a natureza regional nas — suas múltiplas decorações e aspectos.

Suas produções não tinham, é certo, os artificios do *modernismo assoberbante*, mas em compensação possuíam alma, doçura, sentimento, vida, symbolismo, imagens consensuaneas ao azul do nosso céu, á belleza das nossas florestas, das — nossas campinas e coxilhas, á candidez melancolica e serena da nossa lua, ao rumor das nossas cascatas, ao torrenciar dos nossos rios, ao valor do proprio typo rio-grandense, á figura tradicional, lendaria do nosso gaúcho.

Transmudou-se esse periodo litterario; desapareceu o seu selecto patrimonio; só resta a tradição, e um ou outro sobrevivente a quem se pôde inquerir acerca desse passado.

E a época do *Parthenon Litterario* passou... cahio no olvido, e mais não volta. Mas o *Parthenon* revive na tradição; e é a tradição que devemos amar, porque ella é a representação subjectiva na historia e na poesia primitiva, dos nossos antepassados, de quem não estamos avantaçados em caracter, em virtudes, em patriotismo.

A poesia e a lenda irmanam-se no conceito do tempo. A lenda é um dos elos que prendem a poesia á historia; uma e outra traçam a feição, mais ou menos proxima, dos costumes exemplificativos, do cavalheirismo e lhanza dos pioneiros da nossa existencia politico-social.

Éra uma geração sóbria, comedida, laboriosa.

A tradição resiste a acção do progresso, como trabalho artistico do passado; faz conhecer e calcular a distancia que nos separa dos tempos em que o fio da barba do homem de bem, era symbolo de honradez nos compromissos que contrahia; dos tempos em que esse fio de barba, portava por fé a probidade e a rigidez de caracter do homem contemporaneo que o dava como penhor de garantia de valores que, hoje, só se poderão garantir, gravando-se grandes patrimonios, sob condições, muitas vezes, vexatorias.

Felizes tempos. — Não voltam mais.

As cousas relativas á historia da nossa incipiente formação, quando seus portadores não sabiam sintaxe, e uzavam de uma prosódia, em muitos pontos, avessa ás regras da concordancia, estudadas nos seus descortinos, podem influir no sentido de salvar do olvido, o que ainda resta dessas épocas distanciadas.

Esse sentir commove, origina creações que se perpetuam; traduz a existencia de um mundo de reminiscencias que se avivam, se descortinam á vista de objectos que se guardam,

que se idolatram, que se encontram em localidades onde se viveu feliz, onde se amou, onde se contemplou scenas poeticas que a natureza na sua immutabilidade, ainda ostenta.

E' erro irreparavel o menosprezo que se vota ao acervo deixado pelos iniciadores da nossa civilização.

Perdido esse acervo, não poderemos ter a exacta orientação das cousas passadas que por si attestem o momento dos nossos primeiros movimentos para o progresso.

Que pôde haver de desairoso á nossa actual dignidade, o esforço que por ventura se emprehenda, no sentido de salvar a diminuta etapa, característica dessas épocas?

Os cantares e as *quadras populares*, são representações vividas dos nossos camponezes de então — portadores das primeiras phases da nossa organização social.

Os vestigios lendarios e as tradições aliás percebíveis por uma serie de circumstâncias, como „outras tantas testemunhas mudas“, coincidem com a phase de formação do Rio Grande; denotam no tempo a evolução lenta, mas natural, de sua população em preparo e predisposta ao desenvolvimento de suas aptidões.

De certo que os cantares e as trovas populares, se ajustam em regras de moral, de arte rudimentar, mas expressiva, de composições naturaes, e, em applicações directas a factos occorridos, veridicos, á circumstancias e vicissitudes no decurso da vida. São estrophes simples; umas, satyricas, mordazes, cheias de humorismo; outras, denunciadoras de um espirito vivaz, ironico; outras, ternas, saudosas, melancolicas; são por isso no dizer de Olavo Bilac, „os melhores poemas“, porque „nascem sem artificio, independentes do uso das metricas e dos lexicos, — os que sahem do seio da natureza, frescos e limpidos, como a agua salta das rochas“. São inspirações que brotam do sentimento, semelhante á *lympha crystalina*, suavizando os ardores do astro vivificador; são evocações do que havia de bom e affectivo em homens atidos ao trabalho rude, ás affeições domesticas, aos extremos do amor e das paixões contemplativas, dessas éras em que não se conhecia *coquetterie*, nem os artificios da *moda elegante*, que tanto atrahem e seduzem pelo exagero de seus talhes.

Esses cantares, e essas trovas, e essas *quadrinhas*, são verdadeiros especimens da primitiva litteratura rio-grandense, sem que se saiba os nomes de seus auctores, os quaes, certamente, fôram homens simples, generosos, bondosos, embora analphabetos, mas tocados de um certo dom poetico, e de um ideal que se exteriorisava nas trovas que improvisavam.

A tradição não é feitura ideologica: são factos que tiveram seu curso, seu desdobramento: são épocas distanciadas, situações que perduraram e preeminenciaram individualidades e acontecimentos, cuja lembrança persiste na historia do povo.

Affonso Arinos, com a suavidade do seu estylo sertanista, mas classico, conceituou as tradições, dizendo que ellas „devem encerrar a verdade historica transmittida oralmente de geração em geração“. Quer dizer que a — tradição — preexiste independente de demonstrações objectivas. Os documentos perduram, conservam-se, manuseam-se, vêm-se-os na fôrma material, mas a tradição, a verdadeira tradição, é sempre subjectiva. Evóca-se, não pelo que possa haver de exterior, mas pela lembrança, pela sua transmissão oral, fluctuante, „de bocca em bocca“, de „idade em idade“.

Taes reminiscencias sensibilizam, accordam sincero respeito pelas cousas que se ligam pelo sentimento ás gerações amortecidas. Um tal sentimento, por isso mesmo, não se mercantiliza, co-existe como noção exacta da consciencia.

Perquerir o passado do Rio Grande, no empenho de descortinal-o nas transições de sua existencia ethnica e historica, é dever que não convem negligenciar; por isso, suas tradições devem ser rectificadas e identificadas para que assim possa ser elle amado por todos nós.

Interrogue-se tambem os manes de seus heróes, de seus servidores de outróra, para que tenhamos a justa comprehensão do amor pelo passado. Deste modo comprehenderemos tambem o grande dever de amarmos a Patria pelo passado; comprehenderemos que para o verdadeiro patriota, o passado da mãe Patria, é um grande culto; comprehenderemos que sem o conhecimento exacto do passado de nossa terra, não saberemos reverenciar-a, nem dignificar-a pela sua historia.

São eloquentes, neste sentido, as inesqueciveis palavras de Eduardo Prado: — „Quem se applica ao presente é movido, quasi sempre, pelo interesse. Quem trata do passado é desinteressado, e só o desinteresse ennobrece, eleva e dignifica as aspirações do homem“.

De certo — a idéa do presente, no qual, implica a do interesse nobre, proveitoso, ou ambicioso, usurpador; a do passado, não; se ha egoismo, este é sempre o do saber, o do conhecer o que foi digno e elevado, justo e patriotico no tempo de nossos antepassados; por isso, o conhecimento do passado de nossa Patria, nos educa, nos irmaniza.

Affinente ao pasado nacional, ha, de José de Alencar, um conceito opulento, profundamente poetico, cheio de amor.

muito expressivo, de uma suavidade melancolica: - „Quanto á poesia americana, o modelo para mim ainda hoje é Chateaubriand; mas o mestre que eu tive, foi esta natureza que me envolve, e particularmente a magnificencia dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescencia, e foram o pórtico magestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua patria.“

Como é locante esta pintura magestosa, essa revelação de onde elle colheu o typico modelo do romance nacional, recebendo do seu „mestre“, a natureza, as proficuas lições que jámais olvidou; podendo, ainda joven, como lhe succedeu, penetrar no passado da Patria, pelo estudo e a contemplação de suas tradições, perlustrando o deserto, a immensidade onde foi encontrar os vestigios, os testemunhos rarissimos da incipiente população dessas regiões incultas que são, entretanto, parte integrante do territorio nacional.

O sentimento de amor e de respeito pelo passado nacional, é uma das virtudes que mais conceitúan a compostura moral e social do homem.

Todos nós, na contemplação da esplendida natureza que José de Alencar teve por „mestre“, aprenderá, como elle, a amar a terra natal, a interpretar, com justo orgulho, os factos principaes de sua integração na torrente da historia e da civilização.

A historia da litteratura de um povo, como diz Andrade Ferreira, „não é méramente o aggregado de noticias biographicas de um ou de outro escriptor“.

Conforme este conceito, a historia jámais revestirá a forma de uma „narrativa“, simplesmente enunciativa; suas origens, por vezes, percorrem o tempo envoltas em obscuridades, que depois se descortinam e se individualisam pela lógica e analyse synthetica.

A historia é um poder, é um juizo, cuja autoridade, quando geral, é universal; quando particular, estende-se a cada povo, circumscripamente; por isso, suas conclusões são demonstrativas e perduram nos annaes do tempo.

A litteratura rio-grandense tem a sua historia primitiva, esta tem suas origens muito longinquas, por isso, não se consubstancia, exclusivamente, na individuação de seus trovistas incipientes, mas no proprio verso, no proprio cantar daquelles.

A toada do canto camponez, tem accentos rythmicos, graves, agúdos, conforme o sentimento emocionante; tem cadencia propria que se concerta com a expressão e entonação da voz. Ouvida essa voz no silencio de alta-noite, produz alguma cousa que sensibilisa e inspira saudade. No verso ha então palavras coordenadas, idéas apropriadas ao objecto a que se infere.

Eis porque a poesia popular rio-grandense tem sua difficuldade congenita; entretanto, ella existe em suas proprias modalidades, como genero litterario que assignalou épocas decisivas no desenvolvimento da historia do Rio Grande, e portanto faz parte desta, como tradição.

Não se descaracterisa porque se consolidou no tempo; não tem livro proprio, existe, mas esparsa, na parcialidade de collecções de suas *quadras*, incompletas, embóra, e na confusão de seus periodos remissivos.

Lebon, nos *Aphorismes du temps present* conceituou, que, o artista se torna mediocre, quando raciocina em vez de sentir. A arte é o sentimento esthetico de uma criação dependente de combinações sytheticas, cuja harmonia deve, necessariamente, caracterizar a fórma exterior desse sentimento.

Os nossos trovistas de outróra - artistas incipientes, revelavam alguma cousa de sentimental e de natural, em seus improvisos. Esse dom era como o resultado da vida contemplativa em meio das scenas da natureza livre, tanto que o analphabetismo que então dominava, não o contradictava.

A impressão dos factos occorridos, das circumstancias concommittantes da vida, repercutiam-lhe no espirito, dahi as concepções objectivas da estrophe em combinação com o sentir da causa geradora.

O expressivo singelismo do verso camponez, cuja cadencia denota arte e pintura naturaes, attribue-se ao dom que o trovista recebera da natureza que o cercava, da propria intelligencia, embora sem o desenvolvimento oriundo da instrucção: por isso, as collecções de *quadras populares* rio-grandenses, constituem paginas interessantissimas pela originalidade de sua litteratura rudimentar, mas amena, attractiva, e de modo algum deve ser desnaturada, pois são padrões que se perpetuam como representações do nosso passado.

Nas *quadras populares* rio-grandenses, encontram-se tambem romances brevissimos, sem os meandros da phantasia imitativa, contendo idéas perfeitas, concepções engenhosas, scenas de amor, muito humorismo, tudo bem desenvolvido, bem definido. Em quatro resumidas linhas, o trovista cam-

ponoz diz tanto como aquelle em quatorze linhas de maior numero de syllabas, cada uma.

O homem inspirado pela natureza tem consigo a intuição do que é bello; deixa-se emocionar pelas mutações e perspectivas da rística, mas amena, existencia onde se sabe amar, onde se contrahe doces affeições, onde existem laços dos mais nobres e leaes sentimentos.

A poesia é um dom que attinge não só a individuos cultos, como a individuos incultos; estes, sentem, percebem pelo prisma da singeleza, esse mundo que se descortina na imaginação por entre decorações que surgem, e estabelecem parallelismo entre o objectivo e o subjectivo.

As *quadras populares* rio-grandenses, inspirações espontaneas dos nossos antigos gauchos, tocadores de vióla, são merecedoras de estudos particulares, interpretativos de suas épocas, mórmente das em que floresceu essa escola do campo, sem mestre, em que suas produções gravaram-se na memoria do povo de parca instrução, e chegaram até o presente pela tradição.

Assim, intactas, as *quadras populares* rio-grandenses, atravessaram idades, gerações, como elemento historico revelador de uma litteratura ingenita, o qual, pela vaidosa aristocracia das letras modernas, e do monótono *sonetar*, cahio em franco obsóletismo, e, consequentemente, excluidas por inutil, ante o soberbo *alexandrinismo* — syndroma *patho-litterario* das insurgencias metricas que effluiram na segunda metade do seculo XIX, e em franco predominio neste primeiro quartel do seculo XX.

